

Livros e bibliotecas como catalisadores da criatividade: metodologias inovadoras para a educação literária e formação de competências do século XXI

Books and libraries as catalysts for creativity: innovative methodologies for literary education and 21st century skills development

Raquel Pereira Pontes^I , Laura Maria Pereira Couto^{II} 

RESUMO

Este artigo investiga o papel dos livros e bibliotecas como catalisadores da criatividade na formação educacional contemporânea, analisando metodologias inovadoras que promovem competências criativas essenciais para o século XXI. Por meio de análise documental e revisão bibliográfica, examina-se como o mercado editorial brasileiro pode ser reposicionado para apoiar práticas educacionais criativas, explorando a intersecção entre economia criativa e educação literária. O estudo demonstra que a leitura profunda e as práticas literárias inovadoras desenvolvem competências como pensamento crítico, flexibilidade cognitiva, colaboração e comunicação criativa. Propõe-se que bibliotecas escolares e públicas sejam transformadas em espaços de aprendizagem ativa, implementando metodologias como *storytelling*, *design thinking* literário e *makerspaces* bibliográficos. Os resultados mostram que políticas públicas integradas podem potencializar o uso da literatura como ferramenta de formação de profissionais inovadores e cidadãos criativos, contribuindo significativamente para o desenvolvimento da economia criativa nacional por meio da educação transformadora.

Palavras-chave: Economia criativa. Educação. Livros e indústria. Bibliotecas. Metodologias ativas.

ABSTRACT

This article investigates the role of books and libraries as creativity catalysts in contemporary educational formation, analyzing innovative methodologies that promote essential creative competencies for the 21st century. Through documentary analysis and bibliographic review, it examines how the Brazilian publishing market can be repositioned to support creative educational practices, exploring the intersection between creative economy and literary education. The study demonstrates that deep reading and innovative literary practices develop competencies such as critical thinking, cognitive flexibility, collaboration, and creative communication. It proposes that school and public libraries be transformed into active learning spaces, implementing methodologies such as storytelling, literary design thinking, and bibliographic maker spaces. The results indicate that integrated public policies can enhance the use of literature as a tool for training innovative professionals and creative citizens, contributing significantly to national creative economy development through transformative education.

Keywords: Creative economy. Education. Book industries and trade. Libraries. Active methodologies.

^IUniversidade Federal de Viçosa – Viçosa (MG), Brasil. E-mail: raquelpepontes@gmail.com

^{II}Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Porto Alegre (RS), Brasil. E-mail: laurampc88@gmail.com

Recebido em: 10/11/2025. Aceito em: 31/01/2026

INTRODUÇÃO

“A criatividade é tão importante na educação quanto a alfabetização, e devemos tratá-la com a mesma importância” (Robinson, 2006). Esta afirmação de Ken Robinson (2006) em sua célebre palestra TED ressoa com particular relevância no contexto educacional brasileiro contemporâneo, em que a formação de competências criativas emerge como imperativo fundamental para o desenvolvimento da economia criativa nacional. O século XXI apresenta desafios educacionais sem precedentes, exigindo a formação de profissionais capazes de navegar em ambientes complexos, incertos e em constante transformação. Neste cenário, a educação criativa transcende o ensino tradicional, demandando metodologias inovadoras que desenvolvam não apenas conhecimentos específicos, mas competências transversais essenciais para a inovação (Csikszentmihalyi, 1996).

O mercado editorial brasileiro, com faturamento de R\$ 4,2 bilhões em 2024 e 361 milhões de exemplares vendidos (Nielsen Bookscan, 2025c), representa um ecossistema educacional subutilizado em seu potencial criativo. Enquanto 53% da população brasileira é considerada não leitora (Instituto Pró-Livro, 2024), perde-se uma oportunidade estratégica de formar cidadãos criativos e inovadores com o uso da literatura. Esta realidade paradoxal — um mercado editorial robusto coexistindo com baixos índices de leitura — sugere a necessidade urgente de reposicionamento conceitual sobre o papel dos livros e das bibliotecas na educação contemporânea. Como observa Sereza (2019), o livro é essencial na sua construção mercadológica e ideológica.

A problemática central desta investigação questiona: como os livros e bibliotecas podem ser reposicionados como catalisadores da criatividade, implementando metodologias educacionais inovadoras que desenvolvam competências criativas essenciais para a economia do século XXI? Esta questão desdobra-se em inquietações específicas que orientam esta investigação: que metodologias ativas de educação literária podem potencializar o desenvolvimento criativo? Como transformar bibliotecas em espaços de aprendizagem inovadora? Quais competências criativas podem ser desenvolvidas por meio de práticas literárias diferenciadas? De que forma as políticas públicas podem integrar educação literária e formação criativa?

Este estudo tem como objetivo geral analisar o potencial dos livros e bibliotecas como catalisadores da criatividade na educação, propondo metodologias inovadoras para o desenvolvimento de competências criativas essenciais à economia criativa do século XXI. Especificamente, busca-se examinar o contexto do mercado editorial brasileiro da perspectiva da educação criativa; investigar como livros e bibliotecas podem funcionar como espaços de aprendizagem criativa; identificar e sistematizar metodologias inovadoras de educação literária; analisar o desenvolvimento de competências criativas por meio da literatura; e propor diretrizes para políticas públicas integradas de educação criativa literária.

A relevância desta investigação fundamenta-se na urgente necessidade de alinhar a educação brasileira às demandas da economia criativa. A formação de profissionais criativos requer metodologias educacionais que transcendam abordagens tradicionais, incorporando práticas inovadoras que estimulem pensamento

divergente, colaboração e resolução criativa de problemas. A literatura científica internacional demonstra consistentemente que a leitura literária desenvolve competências cognitivas superiores, incluindo teoria da mente, empatia cognitiva e pensamento crítico (Oatley, 2016; Mar, 2018). No contexto brasileiro, em que bibliotecas escolares ainda são ausentes em 63,2% das escolas — o equivalente a 114.496 instituições sem bibliotecas (Inep, 2025) —, existe um potencial transformador significativo a ser explorado.

Metodologicamente, esta investigação caracteriza-se como pesquisa exploratória e descritiva, de natureza qualitativa, utilizando análise documental e revisão bibliográfica. As fontes primárias incluem relatórios do Nielsen BookScan sobre a produção e o consumo editorial brasileiro, a pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”, os dados do Censo Escolar sobre bibliotecas escolares e a legislação brasileira sobre políticas do livro e educação. A análise integra dados quantitativos reinterpretados da perspectiva educacional criativa, questionando implicações para a formação de competências do século XXI, com literatura científica nacional e internacional sobre criatividade, educação, metodologias ativas e economia criativa.

CRIATIVIDADE, EDUCAÇÃO E LITERATURA NO SÉCULO XXI

A criatividade, definida por Csikszentmihalyi (2014, p. 45) como “qualquer ato, ideia ou produto que muda um domínio existente ou transforma um domínio existente em um novo”, constitui competência fundamental para a educação contemporânea. Robinson (2011) argumenta que sistemas educacionais tradicionais são inadequados para formar cidadãos criativos capazes de inovar em contextos complexos. Perspectivas contemporâneas evoluíram de abordagens psicométricas tradicionais (Guilford, 1967; Torrance, 1974), que enfatizam a mensuração de pensamento divergente, para compreensões socioculturais mais complexas. Glăveanu (2013) propõe que a criatividade é um fenômeno distribuído e colaborativo, emergindo de interações entre ator, ação, artefato, audiência e recursos contextuais — perspectiva particularmente relevante para o contexto educacional brasileiro. Amabile (2018) e Craft (2020) convergem ao identificar que a educação criativa deve desenvolver os “4 Cs” do século XXI (Creativity, Critical thinking, Collaboration, Communication) em ambientes caracterizados por autonomia estudantil, desafios apropriados e motivação intrínseca.

A educação criativa brasileira requer perspectivas decoloniais que questionem epistemologias eurocêntricas. Walsh (2013), Krenak (2019) e Rufino (2019) propõem pedagogias que integram saberes ancestrais, práticas culturais afro-diaspóricas e indígenas aos conhecimentos acadêmicos ocidentais, reconhecendo tradições narrativas locais que desenvolvem imaginação, conexão comunitária e pensamento ecológico — competências essenciais para a sustentabilidade criativa contemporânea contextualizada à realidade brasileira.

A neurociência da leitura revela que o ato de ler literatura reorganiza circuitos neurais, potencializando capacidades cognitivas superiores. Wolf (2018) demonstra que a leitura profunda desenvolve redes neurais associadas ao pensamento

analítico, síntese conceitual e reflexão crítica. A autora identifica o “circuito de leitura profunda” — rede neural complexa que conecta regiões visuais, fonológicas, semânticas e executivas do cérebro, desenvolvido por meio de prática deliberada de leitura literária.

Pesquisas com neuroimagem funcional revelam que leitura de ficção literária ativa áreas cerebrais associadas à simulação mental e cognição social. Berns *et al.* (2013) demonstraram que a leitura de romances aumenta a conectividade neural no córtex temporal esquerdo e no sulco central direito, sugerindo que a leitura literária permite “incorporação” de experiências narrativas, expandindo o repertório cognitivo disponível para a criatividade. Kidd e Castano (2013) demonstram especificamente que a leitura de ficção literária — em contraste com ficção popular ou não ficção — melhora significativamente o desempenho em testes de teoria da mente, exercitando capacidades de cognição social essenciais para a colaboração criativa.

Oatley (2016) estabelece conexão direta entre leitura literária e desenvolvimento de “teoria da mente” — capacidade de compreender perspectivas, emoções e motivações de outras pessoas, essencial para a colaboração criativa e inovação. A “hipótese da simulação” proposta por Oatley (2012) argumenta que as narrativas ficcionais funcionam como “simuladores de voo” sociais — ambientes seguros onde leitores experimentam situações sociais complexas, desenvolvendo competências transferíveis para interações reais. Djikic *et al.* (2013) demonstram que a leitura de contos literários promove “descentramento” — capacidade de transcender perspectivas egocêntricas e considerar múltiplos pontos de vista simultaneamente, particularmente relevante para *design thinking* e inovação centrada no usuário.

A distinção entre leitura profunda e superficial torna-se crucial para a educação criativa. Liu (2021) afirma que a leitura digital, caracterizada por escaneamento rápido e processamento superficial, não desenvolve as competências cognitivas superiores necessárias para a criatividade. Wolf e Barzillai (2009) alertam para a erosão da “paciência cognitiva” necessária para a leitura profunda em ambientes digitais saturados de estímulos. Baron (2021) propõe que a leitura em papel oferece vantagens cognitivas para a compreensão profunda e a memorização, especialmente para textos complexos, sugerindo que a educação criativa deve integrar estrategicamente leitura impressa e digital.

Zilberman (2022) argumenta que a literatura brasileira possui potencial transformador significativo para a educação criativa, oferecendo repertório cultural rico que pode estimular identidade criativa nacional e regional. Candido (2006) propõe que a literatura possui “função humanizadora” — capacidade de desenvolver sensibilidade, reflexão crítica e compreensão da complexidade humana. A literatura contemporânea brasileira — incluindo autores como Conceição Evaristo, Itamar Vieira Junior, Eliane Brum e Carolina Maria de Jesus — oferece narrativas que conectam questões locais a desafios globais, desenvolvendo simultaneamente identidade cultural e cosmopolitismo criativo.

O MERCADO EDITORIAL BRASILEIRO E O PAPEL DAS BIBLIOTECAS

O livro é um dos bens materiais e culturais mais antigos da modernidade. Ele não entra na lógica da concorrência da economia tradicional (lei da oferta e demanda), pois cada obra é única em virtude do seu valor simbólico e criativo, em contraste com a padronização de seu formato, preestabelecido pela indústria editorial.

A história do livro impresso começou em 1455, quando o inventor alemão Johannes Gutenberg publicou a primeira Bíblia, utilizando a técnica dos tipos móveis reutilizáveis (Lecocq-Muller, 1951). Por meio da impressora de tipos móveis, as indústrias papéis e livrarias começaram a se desenvolver, fazendo com que a produção do livro se tornasse mais veloz e produtiva.

Na Idade Média, a nobreza e o clero, com maior poder aquisitivo e acesso à informação, foram os principais consumidores de livros. Esses grupos viam na leitura uma forma de crescimento pessoal e transcendental e de distinção social. Livros eram símbolos de *status* e de conhecimento, e a leitura era uma atividade incentivada pelas classes sociais mais dominantes.

A partir dos séculos XVIII e XIX, com a Revolução Industrial, o acesso aos livros expandiu-se para outras camadas da população. Diversos fatores contribuíram para isso, como a democratização da educação, a popularização das bibliotecas públicas e o aumento da produção gráfica, que tornaram os livros economicamente mais atraentes.

Todas as mudanças que aceleraram a produção e a reprodução do livro colaboraram para a redução de seu preço, principalmente nos últimos anos, com o avanço tecnológico e a publicação de livros digitais. Entretanto, ele continua sendo pouco consumido pela população brasileira, pois estima-se que 53% da população seja não leitora (Instituto Pró-Livro, 2024), e o volume real de vendas pelas editoras tem diminuído (Nielsen Bookscan, 2025c).

Produção e vendas do setor editorial brasileiro

A última pesquisa sobre a “Produção e Venda do Setor Editorial Brasileiro”, coordenada pela Câmara Brasileira do Livro e pelo Sindicato Nacional de Editores de Livros, mostrou que, em 2024, houve crescimento real de 0,2% nas vendas ao mercado e ao governo em relação ao ano anterior, impulsionado pela venda de livros digitais. O setor editorial representou um crescimento nominal de 3,7% nas vendas realizadas ao mercado, entretanto houve recuo de 1,1%, considerada a variação do Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) de 4,83% (Nielsen Bookscan, 2025c). Ou seja, mesmo que o setor tenha vendido mais, em termos de poder de compra, a indústria encolheu.

Dos 361 milhões de exemplares vendidos, 186.902.000 foram comprados pelo Governo Federal, majoritariamente pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (52% do total). As obras gerais, religiosas e científicas, técnicas e profissionais (CTP) tiveram crescimento nominal nas vendas (9,2, 8,7 e 3,3%, respectivamente). Os livros didáticos caíram 5,1% em relação ao ano de 2023.

Este dado sugere dependência significativa do setor público para a sustentabilidade editorial, mas também indica potencial transformador por meio de políticas

públicas educacionais criativas que possam reorientar o mercado editorial para práticas que desenvolvam competências criativas nos estudantes brasileiros.

O crescimento de 21,6% nas vendas de livros digitais representa oportunidade estratégica para metodologias educacionais inovadoras (Nielsen Bookscan, 2025a). Com 135 mil títulos digitais disponíveis (91% *e-books*, 9% audiolivros), o ambiente digital pode ser explorado para desenvolver competências criativas por intermédio de práticas literárias interativas e colaborativas. A predominância de compras governamentais demonstra que as políticas públicas educacionais podem reorientar o mercado editorial para práticas criativas, enquanto a digitalização sugere possibilidades de integrar tecnologias educacionais às metodologias ativas de leitura. As reimpressões representam 76% dos títulos publicados, refletindo esforços mínimos de produção e alta demanda por obras clássicas e *best-sellers*.

Perfil do leitor e implicações educacionais

O preço final dos livros tem sido um ponto de discussão significativo, mas não é fator determinante para a sua compra. A classe social, a faixa etária, o sexo e o local de residência interferem na compra do livro. O perfil do consumidor brasileiro está concentrado no gênero feminino, da classe C (43%), seguida pelas classes B (38,4%), D e E (11,8%) e classe A (6,8%). Esses números refletem a quantidade de brasileiros em cada classe, já que a classe A é menor que as demais. Em relação à população total de cada classe, a porcentagem de consumidores de livros é: 32,2% na classe A, 25% na B, 13,1% na C e 6% nas classes D e E (Nielsen Bookscan, 2025b).

A preferência por compras *online* de livros físicos (55%) indica mudanças estruturais nos hábitos de consumo e no acesso ao livro no Brasil, associadas à expansão do *e-commerce* e à mediação tecnológica do consumo cultural (Nielsen Bookscan, 2025b). No entanto, esse comportamento não se distribui de forma homogênea entre os grupos sociais: em 2024, a classe A (no conjunto do país) concentrou o maior percentual de pessoas que adquiriu livros de forma *on-line*, demonstrando que o acesso digital ao mercado livreiro se articula diretamente às condições de renda, conectividade e capital cultural (Nielsen Bookscan, 2025b). Essa estratificação socioeconômica do consumo literário reproduz e amplifica desigualdades educacionais, criando um “círculo vicioso” no qual a ausência de capital cultural dificulta o acesso a experiências formativas inovadoras e, por consequência, limita oportunidades na economia criativa.

Nesse sentido, a geografia do consumo literário brasileiro deve ser compreendida como expressão de desigualdades históricas: regiões e localidades com menor infraestrutura logística e digital tendem a enfrentar maiores barreiras de acesso ao livro, o que reforça assimetrias educacionais e culturais. A liderança do canal *online*, portanto, pode representar simultaneamente oportunidade de democratização (ampliando o alcance territorial) e risco de exclusão (quando conectividade, renda e logística não acompanham a expansão do mercado digital). A predominância de plataformas *online* também impacta esse cenário: a Amazon

lidera o mercado *online* tanto de livros digitais (52%) quanto físicos (61,7%), criando desafios e possibilidades para políticas públicas e práticas educacionais voltadas à ampliação do acesso e ao desenvolvimento de competências criativas (Nielsen Bookscan, 2025c).

Os “*booktokers*” — influenciadores literários em redes sociais, especialmente TikTok — representam um fenômeno cultural e metodologia emergente de engajamento criativo com literatura particularmente relevante para Geração Z. A influência dos *booktokers* lidera um *boom* de interesse dos jovens por livros (Monitchele, 2024), combinando paradoxalmente consumo digital intenso com valorização renovada pela materialidade do livro. Este engajamento híbrido digital-analógico oferece oportunidades educacionais únicas: metodologias que integrem redes sociais, *storytelling* colaborativo *online*, criação de conteúdo literário em vídeo, *booktubers* estudantis e clubes de leitura virtuais podem canalizar preferências culturais juvenis para o desenvolvimento de competências criativas autênticas. Essa prática publicitária poderia ser incentivada pelas bibliotecas para atrair a geração Z e todos os públicos de interesse a buscar fontes bibliográficas confiáveis.

A consciência cultural sobre a literatura brasileira apresenta dados reveladores para a educação criativa. O Prêmio Jabuti é o concurso literário mais conhecido entre os brasileiros: 45,1% dos que compram livros já ouviram falar neste concurso, enquanto apenas 16,5% dos não compradores o conhecem. A maioria das pessoas que não compram livros (60,4%) nunca ouviu falar em prêmios literários como Jabuti, Camões, Biblioteca Nacional, São Paulo de Literatura, Kindle de Literatura e Oceanos (Nielsen Bookscan, 2024). Essa lacuna pode ser aproveitada educacionalmente por meio de projetos estudantis que simulem júris literários, desenvolvam critérios críticos de avaliação e criem premiações escolares, transformando reconhecimento passivo em engajamento criativo ativo.

Perfil dos não leitores e formas de acesso aos livros

Com relação ao perfil de “não leitores”, a pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil” (Instituto Pró-Livro, 2024) mostrou que a maioria não lê:

- por falta de tempo;
- não gosta;
- não tem paciência;
- prefere fazer outras atividades;
- tem dificuldades na leitura;
- se sente cansado;
- faltam bibliotecas por perto;
- entre outros motivos.

No seu tempo livre, a pessoa que não tem o hábito de ler prefere:

- acessar a internet;
- usar os aplicativos de comunicação instantânea;
- assistir à televisão;

- escutar música;
- assistir a filmes/vídeos;
- interagir nas mídias sociais;
- entre outras atividades.

A pesquisa revelou ainda que as principais formas de acesso aos livros são, nesta ordem: compras, presentes e empréstimos efetuados nas bibliotecas escolares/universitárias. Os lugares em que as pessoas costumam ler são: suas casas; salas de aula; e bibliotecas. Quando os leitores têm 18 anos ou mais, os fatores que influenciam no interesse e na escolha por algum livro são os seus temas e, quando os leitores estão entre cinco e 17 anos de idade, a capa do livro e as dicas dos professores são os fatores determinantes. A pessoa que mais tem poder de influência no gosto pela leitura é a mãe ou o responsável do sexo feminino, em seguida vem o/a professor/a (Instituto Pró-Livro, 2024).

Essas preferências sugerem estratégias educacionais criativas que integrem literatura a estes formatos. Metodologias transmidiáticas podem conectar preferências existentes ao desenvolvimento de competências literárias criativas, desenvolvendo multiletramentos — competências criativas que transcendem o texto escrito, abrangendo narrativas visuais, sonoras e interativas (The New London Group, 1996). Nesse contexto, o que se observa é a importância das famílias, escolas e governos para a formação de um leitor proficiente, desde a mais tenra idade. A família busca oferecer a base afetiva e o exemplo dos bons comportamentos; a escola e as bibliotecas juntamente sistematizam o aprendizado e diversificam o repertório; e o governo garante o acesso e o suporte estrutural, por meio de normativas e regulações, fornecimento de materiais didáticos e implementação de políticas públicas.

Autopublicação online e novas possibilidades criativas

Além da indústria editorial tradicional, o mercado livreiro consiste também na autopublicação *online* e na venda direta dos títulos pelos autores. A variedade de *softwares* de edição disponíveis na internet trouxe um novo significado à cadeia produtiva do livro, de forma que os autores expandiram seus conhecimentos e começaram a editar e publicar suas próprias obras de forma ágil, sem precisar da intermediação de uma editora. O *e-commerce* expandiu a capacidade de estocagem dos produtos literários, e a impressão sob demanda tornou-se a opção para quem precisa reduzir a quantidade elevada de tiragem.

Essa concentração no *e-commerce* cria simultaneamente oportunidades e riscos: enquanto plataformas digitais democratizam o acesso geograficamente, a concentração oligopolística limita a diversidade e poder de negociação de editoras menores e autores independentes. Para a educação criativa, esta infraestrutura digital oferece possibilidades de publicação estudantil por meio da autopublicação *online*, que democratiza a produção literária, reduzindo barreiras tradicionais de entrada no mercado editorial. Estudantes podem se tornar criadores ativos de conteúdo, publicando *e-books* autorais, coletâneas colaborativas e projetos literários transmidiáticos.

O crescimento de 64% nos serviços por assinatura e de 47,6% no faturamento de bibliotecas virtuais para compor obras de instituições de ensino superior indica transformação de modelos de negócio literários de propriedade para acesso. Os *e-books* representam 61% das vendas por assinatura e os audiolivros, 39% (Nielsen Bookscan, 2025a). Esta “economia da assinatura” alinha-se com preferências de consumidores digitais, especialmente jovens, que priorizam acesso flexível sobre posse permanente. Para a educação criativa, modelos de assinatura democratizam o acesso a repertórios literários amplos, essenciais para o desenvolvimento de competências criativas que requerem exposição a diversidade de estilos, gêneros e perspectivas culturais.

As mídias sociais impulsionaram a divulgação dos bens e serviços e baratearam os preços do *marketing* e da propaganda dos livros. Essa facilidade oferece oportunidades educacionais transformadoras: os usuários podem se tornar criadores ativos de conteúdo, publicando *e-books* autorais, coletâneas colaborativas de contos e projetos literários transmidiáticos. Plataformas como Amazon KDP, Wattpad e Widebook permitem que autores publiquem diretamente, mantendo controle criativo e recebendo *royalties* substancialmente superiores aos contratos editoriais tradicionais. Programas educacionais que integrem autopublicação estudantil desenvolvem não apenas competências de escrita criativa, mas também habilidades empreendedoras digitais, *marketing* de conteúdo, *design* editorial e gestão de direitos autorais — competências essenciais para profissionais de indústrias criativas contemporâneas.

Valor educacional dos livros em espaços culturais

Atualmente, é possível acessarmos diferentes tipos de livros (impresso, digital ou sonoro) em locais os mais diversos possíveis. Um paciente, em uma sala de espera, tem a possibilidade de ler seu livro digital pelo *smartphone*; um motorista escuta seu audiolivro enquanto dirige; e um militar lê seu livro de bolso, em algum momento mais tranquilo da guerra. No contexto educacional criativo, livros funcionam como “tecnologias de pensamento” que expandem a consciência, estimulam a imaginação e desenvolvem as competências cognitivas superiores.

O livro, quando incorporado às coleções das bibliotecas públicas e comunitárias, é considerado um bem público. Nesse aspecto, configura-se como um bem não excludente e não rival, pois pode ser consumido por mais de um indivíduo ao mesmo tempo e o seu acesso é universal, incluindo as pessoas com menor poder aquisitivo, em virtude da gratuidade do empréstimo.

A incorporação dos livros, tanto nas bibliotecas públicas quanto nas bibliotecas escolares, universitárias e especializadas, democratiza o acesso à informação e gera inúmeros benefícios à sociedade, tais como: legado histórico para futuras gerações, maior qualificação pessoal e profissional nas pessoas que leem as obras, incentivo à pesquisa, maior reputação das instituições acadêmicas que são avaliadas pelo Ministério da Educação (MEC) e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e implantação de ações culturais, como saraus, clubes de leitura, feiras literárias, entre outros.

A leitura literária desenvolve especificamente a “teoria da mente”, expandindo a “simulação social” — habilidade de imaginar cenários alternativos, experimentar possibilidades e antecipar consequências, fundamental para o *design thinking*, empreendedorismo criativo e liderança inovadora. Diante de toda a biodiversidade de gêneros, temas e formatos textuais possíveis, somada à potencialidade dos serviços bibliotecários, não resta dúvida que o livro, enquanto bem público, educacional e cultural, é um bem eficaz para trazer conhecimento e entretenimento individual e conjunto.

A integração de tecnologias digitais aos serviços bibliotecários potencializa a criatividade com o uso de ferramentas que expandem possibilidades expressivas: realidade aumentada pode sobrepor informações digitais a livros físicos; inteligência artificial pode assistir processos de escrita criativa; plataformas colaborativas podem conectar leitores globalmente. O crescimento de bibliotecas virtuais indica transformações que podem ser aproveitadas por intermédio de projetos criativos estudantis, que facilitam a colaboração remota e ofereçam recursos multimídias para a expansão do pensamento criativo.

O conceito de biblioteca contemporânea transcende o espaço do acervo físico para o “espaço de fazer” — usuários criam, experimentam e colaboram ativamente, transformando-as em verdadeiros *makerspaces*. Lankes (2016) propõe bibliotecas como “plataformas de criação comunitária” que facilitam a produção de conhecimento, não apenas estimulando o consumo. Exemplos internacionais ilustram esta transformação: a Library of Birmingham integra estúdios de música, laboratórios de fabricação digital e espaços de *performance*; a New York Public Library oferece programas de *storytelling* colaborativo e criação de *podcasts*; bibliotecas finlandesas implementam “*living labs*” em que comunidades desenvolvem projetos criativos interdisciplinares.

No contexto brasileiro, as bibliotecas podem ser transformadas em laboratórios de *storytelling* equipados para a criação e produção de narrativas transmidiáticas; estúdios de *podcast* literário para a criação de conteúdo sonoro; ateliês de escrita criativa com oficinas permanentes de produção textual colaborativa; e espaços de *performance* literária para dramatizações, saraus e apresentações criativas. Por serem espaços que promovam a criatividade e o hábito à leitura, não resta dúvida que, durante todo o processo de ensino, as bibliotecas oportunizam condições para que o aluno desenvolva uma boa escrita, amplie seu vocabulário e transforme a leitura individual em práticas coletivas, por meio dos textos e ações culturais empregadas para este fim (Fragoso, 2002; Santos; Barradas, 2020).

A transformação da biblioteca de um espaço predominantemente custodial para um centro de criação e experimentação (*makerspace*) demanda mais do que adequações físicas, tecnológicas ou de acervo: exige uma mudança pedagógica no modo como a leitura é mediada e convertida em aprendizagem ativa. Para que bibliotecas escolares e públicas operem, de fato, como catalisadoras da criatividade, é necessário articular infraestrutura, mediação qualificada e um desenho didático intencional. Assim, práticas de promoção da leitura e ampliação vocabular ganham escala

e impacto quando vinculadas a metodologias ativas que transformam repertório literário em ação, autoria e competências criativas — como discutido na seção a seguir.

METODOLOGIAS INOVADORAS E COMPETÊNCIAS CRIATIVAS

O desenvolvimento de competências criativas por meio da literatura requer metodologias que transcendam abordagens tradicionais de ensino, implementando práticas ativas que posicionem estudantes como criadores ativos de conhecimento e significado. As metodologias ativas de leitura transformam o ato de ler em processo passivo a experiência interativa e criativa. Soares (2023) propõe abordagens que integram leitura individual à discussão colaborativa, produção criativa e reflexão crítica, fundamentadas em teorias contemporâneas de aprendizagem criativa com aplicações práticas contextualizadas para realidade educacional brasileira.

A leitura dialógica criativa baseia-se em Paulo Freire (1970). Estudantes estabelecem diálogos críticos com textos, questionando perspectivas, propondo alternativas e criando narrativas derivadas, desenvolvendo pensamento crítico e capacidade de síntese criativa. Nessa leitura, “o leitor é convidado a dialogar com a tensão de visões de mundo, a questionar suas ideias, a relacioná-las com outros discursos e com sua própria existência”, considerando o contexto sociocultural e histórico das narrativas (Carvalho, 2024).

A leitura transmidiática expande textos através de múltiplas mídias — estudantes criam *podcasts*, vídeos, ilustrações, *performances* e conteúdo digital inspirado em leituras, desenvolvendo multiletramentos e competências de comunicação criativa. O modelo taxonômico proposto por Scolari (2020) propõe nove competências transmidiáticas para o indivíduo: competência de produção, competência de prevenção de risco, competência de *performance*, competência de gestão de conteúdo, individual e social, competência de mídia e tecnologia, competência de ideologia e ética e, ainda, competência de narrativa e estética. Segundo o estudo, apesar de os jovens geralmente terem boa capacidade técnica para criar e resolver problemas, faltam habilidades para desenvolver uma análise crítica daquilo que consomem.

A metodologia transmidiática fundamenta-se no conceito de “cultura da convergência” de Jenkins (2009), a fim de criar experiências expansivas e participativas na internet. A pedagogia dos multiletramentos argumenta que a educação contemporânea deve desenvolver competências em múltiplos modos de representação — textual, visual, sonoro, gestual e espacial. Narrativas transmidiáticas educacionais expandem textos literários através de múltiplas mídias complementares: *podcasts* com “entrevistas” de personagens, Instagram ficcional de protagonistas, mapas interativos de mundos narrativos, *playlists* musicais que expressam emoções de capítulos específicos e videoensaios críticos. A *fanfiction* como pedagogia criativa aproveita a produção massiva de narrativas derivadas criadas por fãs, desenvolvendo competências de escrita criativa, edição colaborativa e *feedback* construtivo por meio de práticas sociais autênticas.

O *storytelling* como ferramenta criativa emerge como metodologia fundamental para a educação criativa, integrando narrativa pessoal, expressão criativa e

comunicação eficaz. Heath e Heath (2007) demonstram que narrativas são “velcro mental” — estruturas cognitivas que facilitam compreensão, memorização e aplicação criativa de conhecimentos. Segundo Bortolazzo (2024), o método permite “uma melhor conexão dos estudantes com determinados saberes, tornando-os, por assim dizer, mais compreensíveis”. Tal recurso potencializa-se quando se consegue alocar às narrativas fatos reais e experiências prévias. O *storytelling* digital colaborativo permite que estudantes criem narrativas coletivas utilizando plataformas digitais, em que cada participante contribui com capítulos, personagens ou elementos narrativos, desenvolvendo competências de colaboração criativa e construção coletiva de significado. O *biographical storytelling* envolve estudantes, entrevistando membros da comunidade, transformando experiências pessoais em narrativas criativas, desenvolvendo empatia, competências de pesquisa e habilidades de síntese narrativa.

Na América Latina, Rincón (2018) analisa experiências colombianas de educação literária que integram metodologias de *storytelling* comunitário às práticas escolares, fortalecendo simultaneamente competências de leitura-escrita e identidade cultural local. A pesquisadora documenta que programas que conectam narrativas pessoais, histórias comunitárias e literatura formal desenvolvem engajamento estudantil significativamente superior aos métodos tradicionais, particularmente em contextos de vulnerabilidade socioeconômica. Esta abordagem dialógica, influenciada pela pedagogia freireana, reconhece estudantes como criadores ativos de conhecimento, não receptores passivos de conteúdo predeterminado. O contexto latino-americano oferece lições particularmente relevantes para o Brasil sobre como integrar diversidade cultural, desigualdades estruturais e criatividade educacional em metodologias pedagogicamente rigorosas e contextualmente sensíveis.

O *design thinking* literário adapta processos de design para contextos literários, oferecendo metodologia sistemática para criatividade educacional. Brown (2019) argumenta que processos de design podem ser aplicados a qualquer desafio criativo. A primeira fase, “empatia literária”, envolve estudantes com experiências de personagens, autores e leitores, desenvolvendo uma compreensão profunda de perspectivas múltiplas. A “definição de desafios criativos” identifica problemas ou oportunidades relacionados à literatura ou comunicação. A “ideação literária” utiliza *brainstorming* colaborativo para gerar soluções criativas com recurso a mapas mentais, associações livres e combinações inusitadas de elementos narrativos. A “prototipagem criativa” desenvolve versões experimentais de projetos literários, incluindo esboços de narrativas, *storyboards*, *performances* piloto ou conteúdo digital experimental. O “teste e iteração” apresentam protótipos para audiências, coletam *feedback* e refinam criativamente, desenvolvendo competências de apresentação e adaptação criativa.

Clubes de leitura e aprendizagem colaborativa representam metodologia comprovada para o desenvolvimento de competências criativas por meio de discussão colaborativa e construção coletiva de significado. Johnson e Johnson (2009) salientam que a aprendizagem colaborativa potencializa a criatividade individual e coletiva. Clubes de leitura temáticos organizam-se em torno de temas específicos

conectando literatura a desafios contemporâneos, desenvolvendo pensamento sistêmico e a aplicação criativa de conhecimentos. Clubes de criação literária integram a discussão de textos à criação coletiva de narrativas, poesias e conteúdo original. Clubes intergeracionais conectam estudantes com adultos da comunidade, facilitando intercâmbio de perspectivas e experiências, desenvolvendo competências de comunicação intercultural e aprendizagem ao longo da vida.

A gamificação criativa da leitura aplica mecânicas lúdicas à educação literária para estimular o engajamento e desenvolver competências criativas. McGonigal (2011) argumenta que jogos desenvolvem competências de resolução criativa de problemas, colaboração e pensamento estratégico. Narrativas interativas permitem que estudantes criem e participem de histórias, cujas decisões impactam desenvolvimentos narrativos, desenvolvendo pensamento sistêmico e compreensão de consequências criativas. Desafios literários colaborativos organizam competições criativas em que equipes desenvolvem projetos literários inovadores. O *role-playing* literário utiliza a simulação e a dramatização de alunos em personagens, autores ou críticos literários, desenvolvendo empatia cognitiva e compreensão de múltiplas perspectivas.

POLÍTICAS PÚBLICAS, DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Arcabouço jurídico e políticas fiscais para o livro

O desenvolvimento sistemático de competências criativas por meio da literatura requer políticas públicas integradas que articulem educação, cultura e economia criativa, criando um ecossistema favorável à inovação educacional e à formação de capital humano criativo. O arcabouço jurídico-institucional brasileiro oferece fundamentos significativos para tais políticas, mas requer reorientação estratégica para maximizar o impacto educacional criativo.

O Estado brasileiro prevê imunidade tributária sobre livros, jornais, periódicos e o papel destinado à sua impressão, a fim de estimular a indústria livreira e o hábito da leitura à população (Brasil, 1988). A Constituição Federal estabelece, em seu artigo 150, inciso VI, alínea “d”, essa imunidade tributária — medida que democratiza o acesso à cultura e ao conhecimento. O comércio de livros no país é isento dos impostos sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) e Produto Industrializado (IPI). No que tange às contribuições para o Programa de Integração Social (PIS) e a Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins), por força da Lei nº 10.865/2004 (Art. 28, inciso VI), as alíquotas são zeradas sobre a receita das vendas dos livros de empresas que contribuem para os regimes normais de tributação (Brasil, 2004).

Esse investimento público indireto subsidia o mercado editorial brasileiro, mas pode ser reorientado de forma estratégica para maximizar o retorno educacional por meio da vinculação de incentivos fiscais ao “valor educacional criativo” — critério que privilegiaria publicações que comprovadamente contribuíssem para o desenvolvimento de competências criativas. Como observa Sereza (2019), o debate sobre o preço e valor do livro transcende questões meramente econômicas para abordar dimensões culturais, educacionais e civilizacionais fundamentais.

Estratégias de desenvolvimento do mercado do livro no Brasil

As escolas, bibliotecas, editoras e livrarias cumprem papéis essenciais no processo de formação da pessoa humana (linguagem, interpretação e empatia) e de transformação social. A partir do primeiro contato com o livro, o indivíduo começa a sua trajetória cívica, de desenvolvimento do senso crítico, e capacita-se para propor soluções aos problemas existentes na sociedade.

Embora, no Brasil, as grandes editoras dominem o mercado de livros didáticos (Oliveira, 2018) e o consumidor prefira adquirir livros físicos por meio do comércio eletrônico varejista, como a Amazon (Nielsen Bookscan, 2025c), o mercado livreiro também é composto de microempresas. Dados do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) atestam que 89% das livrarias do país são micro e pequenas empresas, ressaltando a capilaridade — e também a fragilidade — desse tecido econômico-cultural perante as grandes plataformas (Martins, 2023).

Diante desse cenário, iniciativas regulatórias voltadas à mitigação de oligopólios e à proteção da bibliodiversidade ganham relevância. Uma proposição legislativa para regular os preços das publicações e reduzir os oligopólios presentes neste mercado foi criada pela ex-senadora Fátima Bezerra, por meio do Projeto de Lei nº 49/2015 (PL/49). O projeto prevê que todo livro, inclusive o digital, receba da editora precificação única pelo prazo de um ano a partir da data de seu lançamento ou importação. Seu conteúdo reitera que fixar o preço mínimo de venda ao comprador final poderá expandir o mercado nacional e assegurar a igualdade de tratamento ao comerciante livreiro, com o fim último de elevação do padrão intelectual do país (Brasil, 2015).

O projeto estabelece, ainda, que o Poder Executivo da União, dos Estados, dos Municípios e do Distrito Federal criem:

- parcerias, públicas ou privadas, para o desenvolvimento de projetos de incentivo à leitura;
- programas dedicados à primeira infância, como a introdução da hora da leitura diária nas escolas e quantidade mínima de livros para compor os acervos das bibliotecas escolares;
- programas para a exportação e venda de livros brasileiros em feiras e eventos internacionais;
- tarifa postal preferencial, reduzida, para o livro brasileiro;
- indiquem cursos de capacitação do trabalho editorial, gráfico e livreiro.

Em tese, o PL/49 tem a finalidade de estimular a leitura e coibir o abuso do poder econômico, auxiliando as pequenas livrarias a enfrentarem as atuais “*big techs*”, que são as grandes empresas de tecnologia e inovação que, entre outros produtos, vendem livros a preços mais acessíveis na internet. Se aprovada e implementada da perspectiva de educação criativa, esta legislação pode catalisar transformações significativas no ecossistema literário-educacional brasileiro.

As imperfeições de concorrência levam à má distribuição de renda e de bem-estar econômico, e somente a atuação do Estado pode corrigi-los, regulamentando ações ou investindo nas áreas sociais para reduzir os focos de desigualdade. A tendência do

mundo cada vez mais digital e conectado não justifica a falta de espaços educativos e culturais, como bibliotecas e livrarias, pois é necessário atender a todos os tipos de preferências individuais. Como constatou a pesquisa “Produção e Venda do Setor Editorial Brasileiro”, o livro físico, em suporte de papel, continua sendo o mais lido entre os brasileiros. E esses lugares possibilitam o estudo, a convivência e a interação entre os usuários que os utilizam.

É fundamental, portanto, a criação de bibliotecas escolares e públicas com acervos amplos e atualizados que ofereçam programações culturais regulares para potencializar o aumento do índice de leitura no Brasil e, principalmente, nas regiões sociodemográficas menos favorecidas.

Os professores e profissionais da informação são fundamentais nesse processo cultural de aprendizagem e precisam se reinventar perante a concorrência dos bens culturais mais atraentes do mercado. Estimular os alunos a escreverem um livro e a participarem de algum concurso literário pode potencializar o desenvolvimento da cadeia produtiva do livro.

A Lei Federal nº 12.244/2010 determina a universalização de bibliotecas escolares, mas a sua implementação permanece deficiente, com 47,4% das unidades de ensino sem esses espaços básicos. Essa lacuna representa oportunidade estratégica para integrar bibliotecas criativas às políticas educacionais por meio de um Programa Nacional de Bibliotecas Criativas que transcenda o acervo tradicional: infraestrutura criativa com espaços flexíveis equipados para *storytelling*, produção multimídia, *performance* literária e colaboração; acervo diversificado integrando literatura tradicional, recursos digitais, tecnologias interativas e ferramentas de criação; profissionais especializados com formação de bibliotecários-educadores competentes em metodologias ativas e educação criativa; e programação cultural criativa, com *saraus*, *hackathons* literários, clubes de criação e intercâmbios virtuais regulares.

A implementação de metodologias criativas requer formação docente especializada que integre competências literárias, pedagógicas e tecnológicas (Santos *et al.*, 2024). Um Programa Nacional de Formação Criativa deve incluir especialização em educação literária criativa, integrando neurociência da leitura, metodologias ativas e tecnologias educacionais; residência pedagógica criativa, em que futuros educadores experimentem metodologias inovadoras em contextos reais; comunidades de prática, como redes colaborativas em que educadores compartilhem experiências e desenvolvam recursos coletivamente; e intercâmbios internacionais conectados com sistemas educacionais inovadores para a transferência de conhecimento e boas práticas.

O mercado editorial brasileiro enfrenta desafios significativos na internacionalização. Segundo o Painel de Dados do Observatório do Itaú Cultural, o comércio internacional da indústria editorial do Brasil, no ano de 2023, obteve exportação líquida no valor de -US\$ 81,46 milhões, o que contribui para a diminuição do cálculo do Produto Interno Bruto do país (Itaú Cultural, 2024). Esta balança comercial desfavorável reflete simultaneamente a baixa projeção internacional da literatura nacional e a dependência de conteúdo estrangeiro, particularmente acadêmico e técnico. Entretanto, a literatura brasileira contemporânea experimenta reconhecimento

internacional crescente. Os romances e a literatura brasileira são os gêneros literários mais reconhecidos no exterior (Brazilian Publishers, 2025), com autores alcançando audiências globais por meio de traduções e premiações internacionais.

A parceria estratégica entre a Câmara Brasileira do Livro (CBL) e a Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (ApexBrasil), por intermédio do programa Brazilian Publishers, ilustra esforços institucionais para a internacionalização do livro. O programa promove a literatura brasileira em feiras internacionais, facilita traduções de obras nacionais e conecta editoras brasileiras a mercados globais. Esta infraestrutura de promoção cultural pode ser estrategicamente integrada à educação criativa: estudantes brasileiros podem participar de projetos de tradução colaborativa, desenvolver materiais promocionais criativos para literatura nacional em mercados estrangeiros e engajar-se em intercâmbios literários virtuais com leitores internacionais, desenvolvendo simultaneamente competências linguísticas, criativas e interculturais. O Brasil poderia investir em massa neste segmento, além de priorizar as exportações de livros científicos com teor inovador.

O Brasil possui estrutura institucional para a economia criativa, que pode ser integrada às políticas educacionais, com a expansão do vale-cultura, para incluir recursos específicos para a educação criativa. Subsídios para estudantes adquirirem livros e recursos educacionais criativos, acesso a plataformas digitais de educação literária inovadora, participação em eventos culturais e educacionais relacionados à literatura e cursos e *workshops* de metodologias criativas podem democratizar o acesso à educação criativa.

Heilbrun e Gray (2001) *apud* Valiati *et al.* (2022) afirmam que as demandas culturais dependem mais da educação do que da renda do indivíduo. Com esse argumento, é possível inferir que a indústria livreira não se desenvolve no Brasil em razão da carência da educação formal ou informal e da falta de mercado consumidor para este nicho.

Nos países subdesenvolvidos, a desigualdade de renda, o poder político das elites e a assimetria da informação podem fazer com que as preferências individuais excluam o desejo do cidadão comum em adquirir um livro pelo estereótipo de ser um produto erudito. Uma das formas de o Estado modificar essa vontade é investir na educação e na criação de um “bônus” para direcionar a leitura como uma área específica do consumo, como é o caso do vale-cultura, proporcionado pelo Ministério da Cultura do Governo Federal (Valiati *et al.*, 2022).

Valiati *et al.* (2022, p. 132) observam ainda que

O valor cultural do livro depende também do aumento de capital humano envolvido no processo de sua cadeia produtiva, que por sua vez aumenta o mercado consumidor para a assimilação da maior oferta de longo prazo desses bens. Além de aumentar a renda pessoal em elevado grau, a ampliação do capital humano pode criar um efeito multiplicador sobre a demanda por arte, transferindo parte desse ativo gerado para a forma de capital cultural.

A literatura brasileira possui reconhecimento internacional que pode ser aproveitado para posicionar o Brasil como referência em educação criativa por meio de diplomacia cultural educativa: centros brasileiros de educação criativa em embaixadas e consulados, intercâmbios educacionais literários, exportação de metodologias

educacionais inovadoras e parcerias universitárias internacionais. Por fim, levando em consideração as conjunturas tecnológicas e econômicas globais, o valor do livro no Brasil é um assunto complexo, dado o impacto gerado no hábito da leitura e na qualidade da educação. É fundamental ensinar as crianças a lerem com frequência e de forma profunda os diversos gêneros literários, pois elas serão os tomadores de decisão de amanhã. Ao Estado, cabe propor políticas sociais e econômicas que favoreçam os recursos da cadeia produtiva do livro.

A mensuração de criatividade permanece controversa — testes padronizados possuem limitações significativas de validade preditiva e vieses culturais. Sistemas educacionais pressionados por avaliações padronizadas podem resistir a metodologias criativas cuja eficácia não pode ser facilmente mensurada por testes convencionais. Existe uma tensão fundamental entre criatividade e currículo padronizado: enquanto discursos oficiais valorizam criatividade, políticas educacionais contemporâneas frequentemente intensificam padronização e testes de alto impacto.

Questões de equidade e acesso representam desafio crítico. Propostas de bibliotecas equipadas tecnologicamente, formação docente especializada e acervos diversificados requerem investimentos substanciais. Em país marcado por desigualdades profundas, existe risco de que a educação literária criativa amplie, ao invés de reduzir, as disparidades existentes. Escolas em comunidades afluentes oferecem pedagogias criativas, enquanto escolas em regiões vulneráveis enfocam habilidades básicas por meio de métodos tradicionais — esta “pedagogia da pobreza” perpetua desigualdades estruturais. Críticos decoloniais questionam a universalidade de teorias de criatividade desenvolvidas primariamente em contextos europeus e norte-americanos, alertando para a tendência de generalizar achados de populações atípicas para toda a humanidade.

Estudos de caso inspiradores enfrentam desafios substanciais de replicação em escala nacional por conta da diluição de qualidade de implementação, resistência institucional, rotatividade docente e perda de elementos contextuais críticos. No Brasil, a implementação de bibliotecas escolares permanece incompleta 15 anos após a promulgação da Lei Federal nº 12.244 (universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País) — se a legislação simples não foi implementada plenamente, como viabilizar transformações mais complexas? As limitações metodológicas desta investigação incluem ausência de dados primários, falta de validação empírica das metodologias propostas, viés de publicação na literatura revisada, generalização limitada das propostas brasileiras e perspectiva disciplinar que pode não capturar adequadamente dimensões psicológicas, antropológicas ou políticas da criatividade educacional.

Estes desafios, limitações e controvérsias não invalidam as propostas deste artigo, mas contextualizam-nas criticamente. A educação literária criativa não é “solução mágica” para todos os desafios educacionais brasileiros, mas abordagem promissora, fundamentada teoricamente e com evidências empíricas preliminares, que requer implementação cuidadosa, avaliação rigorosa e adaptação contínua. Pesquisadores e educadores devem manter “otimismo crítico” — reconhecendo potenciais

transformadores enquanto permanecem atentos a limitações, riscos e desafios não resolvidos. Avanços genuínos emergem não de propostas ingênuas, mas de engajamento sofisticado com complexidades, contradições e incertezas inerentes à educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta investigação respondeu à questão central — como reposicionar livros e bibliotecas como catalisadores da criatividade — ao evidenciar que o potencial formativo da leitura se amplia quando bibliotecas deixam de operar apenas como espaços de acesso e passam a atuar como ambientes de aprendizagem ativa, orientados à autoria, à experimentação e à produção cultural. Nesse sentido, o livro é compreendido não apenas como bem cultural, mas como tecnologia cognitiva capaz de sustentar práticas educativas voltadas à inovação e à formação de competências do século XXI.

Quanto às metodologias ativas de educação literária capazes de potencializar o desenvolvimento criativo, o estudo sistematizou abordagens como leitura dialógica criativa, leitura transmidiática, *storytelling* e *design thinking* literário, entre outras, demonstrando que tais práticas deslocam estudantes do papel de receptores para o de produtores de sentido, ampliando engajamento, repertório e capacidade de criação. Essas metodologias favorecem, de maneira articulada, o desenvolvimento de competências como pensamento crítico, comunicação criativa, colaboração e flexibilidade cognitiva, alinhadas às demandas da economia criativa contemporânea.

No plano das políticas públicas, conclui-se que a efetividade desse reposicionamento depende de medidas integradas que articulem educação, cultura e economia criativa: expansão e qualificação de bibliotecas escolares e públicas, formação docente para metodologias ativas, incentivo a programas de mediação de leitura e estratégias que ampliem o acesso (físico e digital) a acervos e experiências literárias. Além disso, a análise do mercado editorial sugere que políticas de democratização do acesso e fortalecimento de ecossistemas locais do livro podem ampliar a bibliodiversidade e reduzir barreiras estruturais de acesso, contribuindo para a formação de cidadãos criativos e para o desenvolvimento socioeconômico.

Por fim, recomenda-se que pesquisas futuras avancem em estudos empíricos de implementação (escolas e bibliotecas), com avaliação de impacto das metodologias propostas sobre competências criativas e desempenho leitor, bem como análises comparativas de experiências nacionais e internacionais que articulem bibliotecas, tecnologias e práticas de autoria na formação educacional.

REFERÊNCIAS

AMABLE, Teresa. **Creativity in context**: update to the social psychology of creativity. Boulder: Westview Press, 2018.

BARON, Naomi S. **How we read now**: strategic choices for print, screen, and audio. Nova York: Oxford University Press, 2021.

BERNS, Gregory S.; BLAINE, Kristina; PRIETULA, Michael J.; PYE, Brandon E. Short- and long-term effects of a novel on connectivity in the brain. **Brain Connectivity**, v. 3, n. 6, p. 590-600, 2013. Disponível em: <https://www.proquest.com/docview/1491127746?sourcetype=Scholarly%20Journals>. Acesso em: 10 nov. 2025.

- BORTOLAZZO, Sandro Faccin. *Storytelling: entre usos, benefícios e aprendizagens*. **Ensino em ReVista**, Uberlândia, v. 31, p. 1-24, 2024. <https://doi.org/10.14393/ER-v31e2024-33>
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Presidência da República, 1988.
- BRASIL. **Lei nº 10.865, 30 de abril de 2004**. Dispõe sobre a contribuição para os Programas de Integração Social. Brasília: Presidência da República, 2004.
- BRASIL. Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010. Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, 25 maio 2010.
- BRASIL. **Lei nº 12.761, 27 de dezembro de 2012**. Institui o Programa de Cultura do Trabalhador; e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 2012. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12761.htm. Acesso em: 12 set. 2024.
- BRASIL. Senado Federal. **Projeto de lei nº 49, de 2015**. Institui a Política Nacional do Livro e regulação de preços. Brasília: Senado Federal, 2015.
- BRAZILIAN PUBLISHERS. **Da escrita nacional ao reconhecimento global: três livros brasileiros que ganharam o mundo**. Brasília: CBL; ApexBrasil, 2025. Disponível em: <https://brazilianpublishers.com.br/noticias/da-escrita-nacional-ao-reconhecimento-global-tres-livros-brasileiros-que-ganharam-o-mundo/>. Acesso em: 10 nov. 2025.
- BROWN, Tim. **Change by design: how design thinking transforms organizations and inspires innovation**. Nova York: Harper Business, 2019.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades; Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006. p. 169-191.
- CARVALHO, José Ricardo. A leitura dialógica com ressignificação valorada. **Interdisciplinar: Revista de Estudos em Língua e Literatura**, São Cristóvão, v. 41, n. 1, p. 57-71, 2024. <https://doi.org/10.47250/intrell.v41i1.p57-71>
- CRAFT, Anna. **Creativity and education futures: learning in a digital age**. 2. ed. Londres: IOE Press, 2020.
- CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. **Creativity**. Nova York: HarperCollins, 1996.
- CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. **The systems model of creativity: the collected works of Mihaly Csikszentmihalyi**. Dordrecht: Springer, 2014.
- DJIKIC, Maja; OATLEY, Keith; MOLDOVEANU, Mihnea C. Opening the closed mind: the effect of exposure to literature on the need for closure. **Creativity Research Journal**, v. 25, n. 2, p. 149-154, 2013. <https://doi.org/10.1080/10400419.2013.783735>
- FRAGOSO, Graça Maria. Biblioteca na escola. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 7, n. 1, p. 124-131, 2002. Disponível em: <https://revistaacb.emnuvens.com.br/racb/article/view/380>. Acesso em: 19 fev. 2026.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.
- GLĂVEANU, Vlad Petre. Rewriting the language of creativity: the five a's framework. **Review of General Psychology**, v. 17, n. 1, p. 69-81, 2013. <https://doi.org/10.1037/a0029528>
- GUILFORD, Joy Paul. **The nature of human Intelligence**. Nova York: McGraw-Hill, 1967.
- HEATH, Chip; HEATH, Dan. **Made to stick: why some ideas survive and others die**. Revised edition. Nova York: Random House, 2007.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Microdados do censo escolar da educação básica**. Brasília: Inep, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/acesso-a-informacao/dados-abertos/microdados/censo-escolar>. Acesso em: 10. nov. 2025.
- INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da leitura no Brasil**. 6. ed. São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2024. Disponível em: https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2024/11/Apresentac%CC%A7a%CC%83o_Retratos_da_Leitura_2024_13-11_SITE.pdf. Acesso em: 10 nov. 2025.
- ITAÚ CULTURAL. Observatório. Painel de Dados. **Comércio internacional de produtos**. São Paulo: Itaú Cultural, 2024. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/observatorio/paineldedados/metodologia>. Acesso em: 10 nov. 2025.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JOHNSON, David W.; JOHNSON, Roger T. An educational psychology success story: social interdependence theory and cooperative learning. **Educational Researcher**, v. 38, n. 5, p. 365-379, 2009. <https://doi.org/10.3102/0013189X09339057>

KIDD, David Comer; CASTANO, Emanuele. Reading literary fiction improves theory of mind. **Science**, v. 342, n. 6.156, p. 377-380, 2013. <https://doi.org/10.1126/science.1239918>

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LANKES, R. David. **The new librarianship field guide**. Cambridge: MIT Press, 2016.

LECOCQ-MULLER, Nice. A Imprensa, o incunábulo e a emancipação do livro impresso. **Revista de História**, São Paulo, v. 3, n. 8, p. 306-312, 1951. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.v3i8p306-312>

LIU, Ziming. Reading behavior in the digital environment: changes in reading behavior over the past ten years. **Journal of Documentation**, v. 61, n. 6, p. 700-712, 2021. <https://doi.org/10.1108/00220410510632040>

MAR, Raymond A. Stories and the promotion of social cognition. **Current Directions in Psychological Science**, v. 27, n. 4, p. 257-262, 2018. <https://doi.org/10.1177/0963721417749654>

MARTINS, Bruno Henrique. **Sebrae em dados: livrarias**. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae-PR), 2023. Disponível em: https://sebraepr.com.br/comunidade/artigo/sebrae-em-dados-livrarias?srsIid=AfmBOopuWam0jVvu34q0vPMMzlhtd4_Q7TAXt5VGGQ2bkQAal0hnU-7Ce. Acesso em: 18 jan. 2026.

MCGONIGAL, Jane. **Reality is broken: why games make us better and how they can change the world**. Revised edition. Nova York: Penguin Books, 2011.

MONITCHELE, Marília. Geração Z lidera nova onda de interesse por livros físicos e bibliotecas. **Veja**, 2024. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/comportamento/geracao-z-lidera-nova-onda-de-interesse-por-livros-fisicos-e-bibliotecas/>. Acesso em: 29 out. 2024.

NIELSEN BOOKSCAN. **Panorama de consumo dos livros**. [São Paulo]: CBL; SNEL, 2024. Disponível em: https://cbl.org.br/pesquisas_de_mercado_categoria/panorama-do-consumo-de-livros. Acesso em: 28 out. 2024.

NIELSEN BOOKSCAN. **Conteúdo digital do setor editorial brasileiro**. [São Paulo]: CBL; SNEL, 2025a. Disponível em: https://cbl.org.br/wp-content/uploads/2025/05/Conteudo_Digital_anobase_2024_imprensa.pdf. Acesso em: 28 out. 2024.

NIELSEN BOOKSCAN. **Panorama de consumo dos livros**. [São Paulo]: CBL; SNEL, 2025b. Disponível em: https://cbl.org.br/wp-content/uploads/2025/02/2024_Panorama-do-Consumo-de-Livros_Imprensa_V2.pdf. Acesso em: 28 out. 2024.

NIELSEN BOOKSCAN. **Produção e vendas do setor editorial brasileiro**. [São Paulo]: CBL; SNEL, 2025c. Disponível em: https://cbl.org.br/wp-content/uploads/2025/05/Producao_e_Vendas_anobase_2024_imprensa.pdf. Acesso em: 10 nov. 2025.

OATLEY, Keith. The cognitive science of fiction. **Wiley Interdisciplinary Reviews: Cognitive Science**, v. 3, n. 4, p. 425-430, 2012. <https://doi.org/10.1002/wcs.1185>

OATLEY, Keith. Fiction: Simulation of social worlds. **Trends in Cognitive Sciences**, v. 20, n. 8, p. 618-628, 2016. <https://doi.org/10.1016/j.tics.2016.06.002>

OLIVEIRA, Mariana Major de. O livro didático no Brasil: as barreiras de mercado e o Programa Nacional do Livro Didático. 2018. 45f. **Monografia** (Bacharelado em Economia) – Insper Instituto de Ensino e Pesquisa, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://repositorio-api.insper.edu.br/server/api/core/bitstreams/c777c586-8ab2-41eb-985a-9d29a1412704/content>. Acesso em: 16 jan. 2026.

RINCÓN, Gloria. Lectura y escritura en la educación colombiana. **Revista Colombiana de Educación**, n. 75, p. 45-68, 2018.

ROBINSON, Ken. **Do schools kill creativity?** Monterey: TED, 2006. TED Talk. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iG9CE55wbtY>. Acesso em: 26 fev. 2026.

- ROBINSON, Ken. **Out of our minds: learning to be creative**. 2. ed. Chichester: Capstone, 2011.
- RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.
- SANTOS, Ellen Alves dos; BARRADAS, Jaqueline Santos. Bibliotecas como makerspaces: propositura para um cenário brasileiro. **Revista Valore**, v. 5, p. 362-395, 2021. <https://doi.org/10.22408/rev5020201059362-395>
- SANTOS, Silvana Maria Aparecida Viana; FRANQUEIRA, Alberto da Silva; RAMOS, Dayana Passos; VIANA, Silvanete Cristo. **Metodologias ativas: desafio e oportunidades na era digital**. São Paulo: EBPC, 2024.
- SCOLARI, Carlos Alberto (coord.). **Literacia transmedia na nova ecologia mediática**. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 2020. Disponível em: https://transmedialiteracy.upf.edu/sites/default/files/files/TL_whit_port.pdf. Acesso em: 16 jan. 2026.
- SEREZA, Haroldo Ceravolo. O livro custa caro? Reflexões sobre o preço e o valor do livro. **ComCiência**, Campinas, n. 213, 2019. Disponível em: <https://www.comciencia.br/o-livro-custa-carro-reflexoes-sobre-preco-e-valor-do-livro/>. Acesso em: 10 nov. 2025.
- SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, n. 25, p. 5-17, 2023. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782004000100002>
- THE NEW LONDON GROUP. A pedagogy of multiliteracies: designing social futures. **Harvard Educational Review**, v. 66, n. 1, p. 60-93, 1996. <https://doi.org/10.17763/haer.66.1.17370n67v22j160u>
- TORRANCE, Ellis Paul. **Torrance tests of creative thinking**. Bensenville: Scholastic Testing Service, 1974.
- VALIATI, Leandro; CORAZZA, Rosana Iccassatti; FLORISSI, Stefano. O marco teórico-conceitual da economia da cultura e da economia criativa. In: VALIATI, Leandro (org.). **Economia da cultura e indústrias criativas: fundamentos e evidências**. São Paulo: Itaú Cultural; Martins Fontes, 2022. p. 113-161.
- WALSH, Catherine. **Pedagogias decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir**. Quito: Abya-Yala, 2013.
- WOLF, Maryanne. **Reader, come home: the reading brain in a digital world**. Nova York: Harper, 2018.
- WOLF, Maryanne; BARZILLAI, Mirit. The importance of deep reading. **Educational Leadership**, v. 66, n. 6, p. 32-37, 2009.
- ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil na escola**. 11. ed. São Paulo: Global, 2022.

Sobre os autores

Raquel Pereira Pontes: doutora em Economia Aplicada pela Universidade Federal de Viçosa. Professora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

Laura Maria Pereira Couto: Mestranda profissional em Economia e Política da Cultura e Indústrias Criativas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Conflito de interesses: nada a declarar – **Fonte de financiamento:** nenhuma.

Contribuições dos autores: Pontes, R. P.: Escrita – Primeira Redação, Escrita – Revisão e Edição. Couto, L. M. P.: Escrita – Primeira Redação, Curadoria de Dados, Investigação.

